

Universidades Lusíada

Silva, Paulo Brito da, 1963-2021

Sementes de arquitectura

<http://hdl.handle.net/11067/8166>

<https://doi.org/10.34628/G0TD-3Z81>

Metadados

Data de Publicação

2018

Resumo

A arquitetura, enquanto permanente instauração do princípio seminal do humanismo é também o único código da nossa relação com as coisas, e nesse sentido, também indiviso. É um princípio construído poético continuamente semeado na terra em cada ato criador. As sementes também são os alunos metaforicamente. É Fundamental semear e persistir no humanismo enquanto componente essencial no ensino da arquitetura, difundindo uma visão indivisa do conhecimento do mundo....

Architecture, while permanent institution from a humanist seminal principle is also the only code for our relationship with things, and in this meaning also undivided. It is a built principle continually sown on earth in each poetic act of creation. The seeds are also the students metaphorically. It's fundamental to disseminate and persist in humanism as an essential component in the study of architecture, spreading an undivided vision from the world's comprehension....

Tipo

bookPart

Editora

Universidade Lusíada Editora

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-11-01T06:10:36Z com informação proveniente do Repositório

SEMENTES DA ARQUITETURA



Dente de leão globe

Resumo: A arquitetura, enquanto permanente instauração do princípio seminal do humanismo é também o único código da nossa relação com as coisas, e nesse sentido, também indiviso. É um princípio construído poético continuamente semeado na terra em cada ato criador.

As sementes também são os alunos metaforicamente. É Fundamental semear e persistir no humanismo enquanto componente essencial no ensino da arquitetura, difundindo uma visão indivisa do conhecimento do mundo.

Abstract: Architecture, while permanent institution from a humanist seminal principle is also the only code for our relationship with things, and in this meaning also undivided. It is a built principle continually sown on earth in each poetic act of creation. The seeds are also the students metaphorically. It's fundamental to disseminate and persist in humanism as an essential component in the study of architecture, spreading an undivided vision from the world's comprehension.

1 - Logos

En arké en ho logos. No princípio era o verbo, traduzido do grego em que foi escrito, onde princípio é *arke* (início, fundação) e o verbo é *logos* que, do grego, pode ser traduzido como palavra (na forma tradicional ocidental) ou como razão (ideia). O *logos*, o princípio criador, manifestar-se-ia então em todas as razões (na única e indivisa razão que cria e rege toda a natureza). A ideia, ou *logos*, é tornada ação no momento criador do seu dizer, pelo que a versão grega nos traz mais para a ideia prévia e a versão latina para o momento da sua expressão criadora, ou para o nascimento. No nosso espírito científico ou na ciência contemporânea, essa razão universal seria encontrada nas leis da natureza que estuda, investiga, modeliza, e interpreta com modelos matemáticos ou geométricos. Para o nosso entendimento, a percepção da razão criadora pode ser traduzível no número, na matemática ou na geometria, que julgamos ver assinada em todas as coisas do universo. E a razão pode assumir a forma lógica, ou de discurso, ou de número e figura.

2- Indiviso

Escrever sobre o indiviso é talvez o maior atrevimento que já me permiti, por pertencer ao transcendente e ser infinitamente maior que a minha capacidade de entendimento, pelo que apenas me posso concentrar nos indícios da razão ou *logos* enquanto permanente suposição da manifestação desse indiviso.

Nessa modelização - produto da mente humana - está a física e a metafísica, porque um modelo explicativo do indiviso é certamente menor que o todo, mas não pode prescindir de nenhuma das suas partes. Pode-se explicar a física pela metafísica, mas não o contrário. Onde, é em nós, no humano, (diria Descartes na nossa alma - metafísica - unida por Deus ao corpo - física) que se mantém tudo junto enquanto totalidade.

3 - Arquitetura princípio construído poético

Porque Heidegger em Construir Habitar e Pensar, invoca a linguagem que nos fala acerca da *natureza das coisas, desde que se respeite a natureza própria da linguagem*, vincando isso bem também no texto intitulado *Carta sobre o humanismo*, a etimologia frequentemente ajuda-nos a perceber o sentido das coisas nomeadas. A palavra arquitetura também provém do grego, onde *arke* é o princípio e *tecthon* é construção (carpinteiro ou construtor), donde a arquitetura é o “princípio construído”, a concretização, materialização, construção do princípio que um *logos* ou razão. E então a arquitetura seria a razão construída, espelhando

metaforicamente, traduzindo em cada novo ato, mostrando interpretando sempre o ato criador inicial, presente e encontrável nas mesmas leis da natureza e dos materiais com que é construída.

Segundo Frampton no livro *Studies in tectonic culture*, a palavra tectónica (verbo *tektainomai*) aparece em Homero, referindo-se à arte da construção em geral, com uma conotação poética, onde o *teckton* é carpinteiro e tem o papel de um poeta. A construção é discurso e linguagem, concretização, comunicação com a memória e a linguagem dos materiais. Construída pelas palavras dos materiais. Ainda segundo o mesmo autor, o termo evoluiu para uma noção mais geral de construir incluindo a ideia de *poesis*, e o fazer do *teckton* leva eventualmente para a emergência do mestre construtor, ou *architekton* da arquitetura enquanto princípio construído poético.

A consequente definição de tectónica avançada por Frampton é, na minha opinião, perfeita: Tectónica tornou-se na arte das juntas, em que arte deve ser entendida como transcendente da *tekne*, e ser a junção não só de edifícios, mas também de coisas. E este conceito arcaico ficou tão próximo de algumas enunciações contemporâneas, como a de Kasuyo Sejima em que a arquitetura relaciona coisas com coisas e através das coisas pessoas com pessoas.

4 - Topos lugar modelo

Não deixa de ser interessante que o *logos* pode estar nos três vetores que, segundo K. Frampton, intervêm num objeto arquitetónico (*topos*, *typos* e *tectonic*). O *topos* nesta hipótese seria o lugar ou *logos* quando é ideia ou razão materializada nas coisas pelos humanos. No lugar a ideia é dita ou semeada, sendo expressa torna-se verbo, e o espírito (do lugar) tem um material, um tempo e um sítio. Pela arquitetura a ideia é dita ou construída pela linguagem dos materiais e da construção e se torna, num momento, coisa comunicável e experimentável. No lugar o repetível se torna irrepetível.

Se para Bataille, no texto sobre arquitetura, é também claro também que a regulação matemática fixa na pedra - diríamos poesia gravada na pedra - não é mais que o culminar de uma evolução de formas anteriores, parece mais difícil atribuir aos tipos a mesma proveniência de uma ordem expressa na natureza.

Diferentes da matemática, da geometria dos modelos e suas figuras arquetípicas, os tipos resultam da consciência da separação da natureza da estruturação e sedimentação de conjuntos de relações. É evidente que se poderá dizer que as estruturas de uso humanas contêm e demonstram em si também um padrão da natureza, como é apontado por Herzog&DeMeuron no texto “*A geometria oculta da natureza*”. Mas, por outro lado, Ernst Bloch define-nos como *homo faber* e simultaneamente *homo fabricatus*, no sentido em que somos feitos (e

alterados) com o que fazemos. Deste modo, podemos admitir que as tipologias arquitetônicas e consequentes estruturas do habitar começaram, ao longo do tempo, a fazer parte do nosso corpo. E do que transmitimos de geração para geração.

5 - Arquitetura e homem como totalidade

Disse Derrida em *Et maintenant* que não nos devemos esquecer que existe uma arquitetura da arquitetura, ou seja que “*nós habitamos a arquitetura mas ela habita-nos, pensamos que é destinada à habitação, mas já não é um objeto nosso* (ou para nós de todo)”. Ao longo da história e de uma enorme sucessão de gerações formou-se num corpo de memória e numa construção mental coletiva que se autonomizou mas que está incluída na nossa génese e formatação cultural e com que lemos o mundo (e é isso que em rigor se chama poética). A arquitetura faz parte de nós, tornou-se em nós e nós tornamo-nos nela, e está incluída na nossa codificação e nela (ou com ela) essa ideia de *logos* ou razão inicial.

É através da arquitetura, modo de disposição e relação com e entre as coisas, que o corpo reconhece os objetos e codifica e descodifica essa experiência num constante ato de habitar. Precisamente porque habitamos com o que nos habita, com algo inumano porque construído e autónomo, mas que por ser experiência do outro humano artificial - com os sentidos, a mente e a memória - é o humanismo que nos torna humanos. A arte, a ciência e a cultura. E o design não se pode separar da arquitetura, porque é arquitetura enquanto forma de relação e de juntar coisas.

6 - Humanismo

Descartes sem se enganar discursou sobre o método unindo a física e a metafísica, o corpo e alma por Deus. Mas alguns cartesianos poderão depois ter errado (perdoem-me a ironia) separando aquilo que Deus uniu e, esquecendo a parte da metafísica, inventaram o racionalismo sem razão ou *logos*, e que apenas trata do que pode ser medido e quantificado. A matemática sem qualidade, número ou geometria. De fora ficam as ditas ciências humanas, de que menciono por minha conveniência a arte a literatura ou a filosofia. Uma ciência (e consequentemente as engenharias que daí derivam) separada do humanismo inicial em que começou a surgir a partir da Renascença, mas sem a experiência humana que foi remetida para o inexplicável ou até para a bruxaria. Por exemplo, as chamadas ou ditas ciências exatas recusam menosprezam as outras formas de conhecimento situadas na metafísica por não serem exatas, mensuráveis ou perceptíveis pelos métodos da

física, embora talvez possam ser geometrizáveis, como por exemplo a filosofia. E no entanto a ciência não conseguiu uma explicação ou uma teoria geral e tudo permanece fragmentário. Numa condição em que o nosso conhecimento se faz por separação em “pequenas fatias”, constituído como processo de análise, que nos tem cada vez mais conduzido a uma especialização e a uma separação, um afastamento entre todos os saberes, sem que aparentemente exista algo que os una ou que mostre a necessidade ou a perspectiva de um todo, de uma finalidade para a arte, arquitetura e tecnologia.

7 - Arquitetura e homem como totalidade

Também nas universidades, dedicadas aos estudos universais, se pratica a divisão em faculdades e nas faculdades em cursos, e nos cursos em áreas científicas com diversas disciplinas, dividindo-se para melhor e de um modo mais especializado estudar. Mas, em alguns casos não existe uma disciplina ou saber que una, que explique aos alunos para que é que tudo aquilo serve, longe que se está da síntese humanista existente no começo da ciência. Nesta fase do discurso lembraria o meu Professor Manuel Taínha (e que muito inspirou este texto, por exemplo no artigo “*Retratos de família*”) que faltava o humanismo, ou uma disciplina de humanismo, que precisamente possibilitasse a perspectiva do todo, e com essa perspectiva mostrasse a necessidade e a importância de todas as partes para o conjunto. É o Humanismo que nos confere e possibilita a visão do todo.

8 - Topos lugar modelo

Não devemos ficar surpreendidos por, sendo de tal modo ensinada, a arquitetura também se ter dividido, primeiro para as engenharias, e depois para o planeamento, o urbanismo, a arquitetura paisagista, o desenho urbano, a reabilitação e conservação, a arquitetura de interiores e também o design. No princípio, no tratado Vitruviano todas estas competências (e ainda, por exemplo, a engenharia militar, ou as máquinas) estavam contidas no mesmo tratado, precisamente chamado “*De architectura*”. Também é neste tratado da antiguidade que podemos encontrar a definição de *symethria* enquanto uma relação das partes com o todo e entre si.

Pode-se então estabelecer um paralelo ou uma coincidência entre a fragmentação da arquitetura e a fragmentação e dispersão do conhecimento e do ensino na era do pós-humanismo, em que o homem a totalidade e o *logos*

deixaram de estar, numa Babel que se desmorona. E também entre o esquecimento do humanismo com o esquecimento da arquitetura. Escreveu Campo Baeza em *A ideia construída* que “o esquecimento da razão, a falta de razões, a ausência de uma ideia coerente capaz de a gerar e sustentar, faz com que a Arquitetura seja, por vezes, tantas vezes, monstruosa”.

9 - Arquitetura princípio construído poético

No contemporâneo residir nas megalópolis, no esquecimento de tudo do pós-humanismo, permanece no entanto a experiência arquitetônica como matriz de relacionamento entre pessoas e objetos. Derrida no seu texto *Et maintenant*, observa que o conceito de arquitetura - e essa seria a enorme ironia face ao esquecimento - é uma construção habitada, uma herança que nos compreende previamente ao pensamento ou ação. Segundo o Autor, permanecem ao longo das mutações da história da arquitetura algumas invariáveis, um conjunto axiomático de preposições fundamentais que informa todo o espaço social (aquilo que já desde Aristóteles está entre as pessoas e os objetos). Nele conseguem-se distinguir quatro traços fundamentais que traduzem um e o mesmo postulado: a arquitetura deve ter um significado, deve apresentá-lo e através disso significar. O significado deve dirigir a estrutura e sintaxe, a forma e a função da arquitetura. Todavia o significado tem uma proveniência do exterior da arquitetura, de acordo com um princípio (*arché*), um fundamental ou fundação, transcendência ou finalidade (*telos*). E, minha conclusão, a arquitetura continua a ser um princípio construído poético.

10 - Indiviso

Derrida também discorre, no mesmo texto, sobre o que deve ser a experiência ou significado da arquitetura, concluindo que tem necessariamente de ser de habitar segundo alei do *oikos*, a economia dos homens e dos deuses, remetendo para a narração de Heidegger no já referido e seminal texto *construir habitar pensar*, quando descreve habitar como pôr um mundo na terra (semear!), sendo um mundo uma ideia sempre repetível de ser no *quadripartí*, o estabelecimento de uma reunião entre o céu e a terra, os mortais e os imortais. Permanece, segundo o filósofo francês, uma crise que consiste no esquecimento do habitar em si mesmo, e continua a haver a necessidade e o chamamento para os mortais aprenderem a habitar e a origem do seu significado. A experiência humana do habitar é centralizada e hierarquizada na linha com a *anamnesis* da sua origem e da sua fundação e a arquitetura moderna retém esta nostalgia, sendo guardião do sagrado (*hieros*) e do princípio (*arché*).

11 - Logos

A visão humana traz-nos de volta o indiviso enquanto princípio seminal do humanismo porque se constitui como origem, sentido e finalidade da ideia, da memória\cultura, do conhecimento e da ação. O que não se pode nem consegue dividir, física e metafísica, e nelas a permanente representação ou imagem da ideia ou do ato (verbo) criador inicial. Algo que intuímos na formação da linha entre a galáxia e do adn. Um princípio no sentido de início, ou de vida que se transmite e perpetua em cada semente, mas também um princípio no sentido de cânone, que é perpetuado com a transmissão da vida. Somos nós continuamente, contendo o princípio, o código, a razão que transmite e propaga a vida em cada ato de criação que simbolicamente, sob esse ponto de vista, representa o logos repetível. Em cada irrepetível verbo ou ato de criação a repetição da ideia seminal do logos inicial, com uma arquitetura que nos habita incorporada, a concha inicial de Bachelard quando nos fala da poética do espaço.

As sementes também são os alunos metaforicamente. Fundamental semear e persistir no humanismo enquanto componente essencial no ensino de conceber coisas. Porque se o humanismo for ensinado nas Universidade propagar-se-á e tenderá a difundir uma visão (diria Corbusier *des yeux qui voyent*) indivisa da arte, arquitetura (com o design) e a tecnologia. As sementes são a linha de continuidade eternamente entre o passado e o futuro.